

Segurança de hospitais é precária

O assassinato de Arlindo Vicente de Oliveira, funcionário dos Correios morto anteontem por dois homens encapuzados que invadiram a enfermaria 403 do Hospital Estadual Albert Schweitzer, em Realengo, põe em evidência um problema comum nas unidades de saúde do Rio: a falta de segurança. Um dia após o crime, apenas três guardas desarmados — dois da empresa Servig e um do Inamps — estavam encarregados da vigilância do Albert Schweitzer. O quadro de insegurança era o mesmo ontem no Carlos Chagas, no Getúlio Vargas e no Hospital Universitário da UFRJ.

— Se entrar alguém armado aqui não posso fazer nada. Deixo entrar — comentou um dos vigilantes.

Funcionários do Albert Schweitzer contaram que, no ano passado, 17 guardas faziam diariamente a vigilância do hospital. Segundo eles — proibidos de se identificar, sob ameaça de punição — o número diário de seguranças se resume a dois da Servig, um na portaria da emergência e outro na garagem. Eventualmente, um guarda do Inamps reforça o grupo, dentro do hospital.

No Carlos Chagas, em Marechal Hermes, havia um vigilante na portaria da emergência e um no estacionamento. Também dois vigilantes trabalhavam no Getúlio Vargas, na Penha, onde no início da tarde de ontem um PM era encontrado do lado de

fora do hospital, embora devesse permanecer na enfermaria de custódia. No Hospital Universitário, no Fundão, apenas um porteiro e um segurança desarmado da UFRJ estavam encarregados da triagem na portaria principal.

Policiais da 33ª DP (Realengo) levantaram ontem a hipótese de o assassinato de Arlindo estar relacionado com a tentativa de seqüestro do irmão do vereador Jorge Felipe (PDT), na quarta-feira da semana passada. Arlindo estaria na porta de sua casa, em Coelho Neto, no momento em que o irmão do vereador seria libertado, por ter sido seqüestrado por engano. Os bandidos teriam então disparado contra o funcionário dos Correios e seguido com o parente do parlamentar até Bangu, onde o liberaram, roubando seu carro.

Arlindo deu entrada no hospital no último dia 8 com oito tiros. Ele era solteiro, tinha cinco filhos — três menores — e foi sepultado ontem de manhã no Cemitério do Catumbi. Era filho de Antônio Luiz de Oliveira e Izanira Silva de Oliveira.

Anteontem, policiais da 33ª DP ouviram alguns funcionários do Albert Schweitzer. O paciente A., testemunha do assassinato, foi transferido ainda sábado de hospital. Ele pôde ver, através do biombo que separava o seu leito do de Arlindo, um homem correndo para fora do quarto, depois de ouvir os tiros.